



ANO 49 - OUTUBRO A DEZEMBRO 2011 - Nº 195

O SALVADOR VEM

Lucas 2:1-39

As palavras de Paulo: se fez pobre (2ª Co 8:9), vêm à memória, ao ler este relato do nascimento de Jesus. Seguindo um decreto feito por César Augusto, José e Maria saíram de Nazaré, e viajaram a Belém, para recensear-se. Foi quando estavam ali que Maria deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-O e O deitou numa manjedoura (v. 7). Isso foi o começo da história admirável de como a graça de Deus, trazendo salvação a todos, veio por Jesus Cristo, Homem, (1ª Tm 2:5; Tt 2:11; Jo 1:17).

Apesar da obscuridade no nascimento de Jesus, da pobreza do lugar e da falta total de celebração de tal evento importante, houve alguns, mesmo homens humildes para os quais o anjo do Senhor veio, trazendo boa-nova de grande alegria (v. 10). Os pastores, aos quais estas boas novas foram anunciadas, ficaram com grande temor (v. 9), e devem ter ficado ainda mais atônitos quando uma multidão da milícia celestial apareceu junto com o anjo louvando a Deus (v. 13). Não devemos permitir que a familiaridade com o fato da Sua vinda ao mundo diminua o senso de gozo e admiração.

Um homem verdadeiro, puro, sem pecado nasceu neste mundo. Ele desceu do céu (Jo 6:38), para dar a Sua vida em resgate por todos (1ª Tm 2:6). Que isso seja muito mais para nós do que história.

A glória do Senhor apareceu (Lc 2:9), quando o Senhor Jesus veio morar na terra: e habitou entre nós (Jo 1:14). Isso equivale à glória enchendo o tabernáculo e o templo (Êx 40:34; 2º Cr 5:14), quando a arca entrou no mesmo.

Enquanto muitos admiraram e alguns temeram, o Salvador do mundo veio (Jo 4:42). Os pastores glorificaram e louvaram a Deus (Lc 2:20); um homem justo e piedoso louvou a Deus e disse: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo (vs. 25-29); uma mulher idosa, Ana, dava graças a Deus (v. 38), falando dEle a todos os que esperavam a redenção em Israel.

Lucas sabia que a vinda de Jesus Cristo, Homem, foi para a redenção de homens pecaminosos, e que isso queria dizer, finalmente, a Sua morte vicária no Calvário (18:31-33).

*Extraído de Caminhada Diária
pelo Novo Testamento, 5 de março.*

OS SETE SINAIS NO EVANGELHO DE JOÃO

4. A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

João capítulo 6 vs. 1-14

Um ano inteiro pode ter decorrido entre os eventos do capítulo 5 em Jerusalém e esses do capítulo 6 na Galileia, porque "depois disto" deixa um período de tempo indefinido no Evangelho de João (João 3:22; João 5:1; João 6:1; João 7:1). Os discípulos tinham voltado de uma excursão pela Galileia e tinham informado tudo ao Senhor Jesus. Estava próxima a chamada "terceira Páscoa do Senhor" (João 6:4), faltando só um ano antes do fim, mas Cristo não compareceu por causa da hostilidade em Jerusalém (João 7:1).

A alimentação de cinco mil pessoas é o único evento antes da última visita a Jerusalém registrada em todos os quatro Evangelhos (Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44; Lucas 9:10-17; João 6:1-13). No Evangelho de João, o Senhor segue este milagre com um discurso sobre o fato de que Ele é o verdadeiro Pão de Deus.

Para adquirir algum repouso, como não tinham tido tempo nem para comer, eles partiram de barco de Cafarnaum ao longo da costa norte do mar da Galileia para um lugar deserto sugerido pelo Senhor, perto de uma cidade chamada Betsaida (Lucas 9:10). O mar da Galileia era chamado de "mar de Quínerete" originalmente (Números 34:11), e nos dias do nosso Senhor foi chamado também de "lago de Genezaré" (Lucas 5:1), mudando para "mar de Tiberíades" quando Herodes Antipas construiu sua capital (versículo 23) no litoral ocidental no ano 22 AD.

Mas uma multidão de todas as cidades descobriu onde eles iam e

correu até lá a pé, chegando antes deles para os receber. O povo havia visto os sinais que Jesus fez, curando os enfermos, e estava ansioso para ouvir Jesus falar novamente (Lucas 9:11) e beneficiar-se com o Seu poder curativo. Ele então os ensinou e curou até o meio da tarde (Marcos 6:34; Mateus 14:14; Lucas 9:11).

Depois todos subiram da praia ao monte, do lado oriental, e Jesus sentou-se com os seus discípulos, um quadro de repouso. A frase "então Jesus, levantando os olhos" é particularmente expressiva aqui, porque o Senhor olhava para baixo vendo a multidão que se aproximava.

O Senhor já bem sabia, é claro, o que ia fazer, e era algo que estava muito além da imaginação de todos, mas levantou o assunto de alimentar a multidão com Felipe, para o testar. Felipe era uma pessoa quieta: nunca tinha muito para dizer, embora tenha sido ele quem trouxe Natanael (Bartolomeu) a Cristo.

Felipe calculou imediatamente que duzentos denários (pagamento para duzentos dias de trabalho para um trabalhador comum) não seriam suficientes para prover um pouco de pão para cada pessoa, significando que estava muito além dos seus recursos. Nos outros evangelhos vemos que, neste momento, os discípulos sugeriram que Ele despachasse a multidão, a fim de que pudessem entrar nas cidades e aldeias próximas para se hospedar e adquirir provisões. Mas Ele ordenou que os próprios discípulos lhes dessem algo para comer.

André então falou. Aqui ele é identi-

ficado como o irmão de Simão Pedro e a grande distinção de André era precisamente essa, que fora ele quem trouxera Simão a Cristo, embora, como Felipe, fosse também de natureza quieta. Felipe e André aparecem juntos novamente quando alguns gregos desejavam ver o Senhor (capítulo 12:20-22). Provavelmente para mostrar como esta tarefa era impossível, André informou ao Senhor quanta comida tinham disponível: cinco pães de cevada (considerado um tipo inferior de pão) e dois pequenos peixes; fora o Senhor, todos devem ter pensado que isso era ridículo!

O Senhor Jesus então solucionou o problema como só o Criador, o Filho de Deus, podia fazer:

- Ordenou que os pães e os peixes fossem trazidos até Ele (Mateus 14:18).

- Instruiu aos discípulos que fizessem o povo se sentar, embora nada tivessem ainda para lhes oferecer, assim testando a sua fé e obediência, e eles obedeceram. Marcos explica que o povo se sentou no gramado em grupos (como canteiros), em grupos de cem e cinquenta. Tornou-se assim fácil de contar e servi-los. Teria havido muita ordem, porque foi feito pelo nosso Senhor, sendo um grande entretenimento representando o Evangelho, que é um banquete para todos os povos (Isaías 25:6), um banquete para todos os que comparecem.

- Tomando os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, e os abençoou e partiu os pães (Marcos 6:41). Igualmente sempre devemos dar graças a Deus pela nossa refeição, pois nos vem pela Sua misericórdia, e assim devemos recebê-la com ações de graças (1 Timóteo 4:3-5, Atos 27:35). Não temos poder para abençoá-la, como só podia fazer o Senhor, mas podemos pedir a Deus que o faça.

- Distribuiu os pedaços de pão aos discípulos e por sua vez eles os deram aos que estavam sentados. Havia aproximadamente cinco mil homens, mais as mulheres e as crianças (Mateus 14:21). Toda a nossa provisão vem da mão de Deus, não importa quem a traz. Ao distribuir provisões espirituais aos que O seguem, Ele se agrada em utilizar o ministério dos Seus discípulos.

- Desta mesma maneira distribuiu o peixe, tanto quanto cada um quisesse. Era destinado à satisfação geral. Todos se fartaram, não com uma pequena ração, mas uma refeição completa. Isto nos lembra que a graça de Deus e o dom pela graça de Cristo abundam a muitos (Romanos 5:15, Filipenses 4:19).

- Depois de comer uma refeição, os judeus costumavam assegurar-se de que tinham deixado um pedaço de pão na mesa, porque consideravam que assim evitavam a maldição destinada ao homem mau (Jó 20:21-22). Assim, depois que todos estavam satisfeitos (repletos), O Senhor mandou os discípulos recolherem tudo o que havia sobrado, para que nada se perdesse. Encheram doze cestas de pedaços de pão, não migalhas ou pequenos fragmentos no chão, mas pedaços quebrados pelo Senhor (Marcos 6:41) e de peixe (Marcos 6:43). Não devia haver qualquer desperdício da Sua munificência. Os judeus tinham muito cuidado para não desperdiçar pão, ou deixá-lo cair no chão para ser pisado. "Quem despreza o pão cai nas profundidades da pobreza", era o que diziam. Embora Cristo pudesse produzir suprimentos sempre que quisesse, ele fez com que os fragmentos fossem recolhidos. Quando estamos repletos, devemos lembrar que outros têm falta, e podemos um dia ter falta também. Cristo não ordenou juntar o que havia sobrado antes que todos estivessem

satisfeitos: não devemos começar a acumular antes que nossas necessidades presentes tenham sido satisfeitas.

- Os judeus tinham também o costume de deixar algo para os que lhes serviam, assim houve uma cesta de vime cheia para cada um dos apóstolos! Foram assim recompensados com abundância pela disposição que tiveram em se desfazer do que tinham para servir ao público (veja 2 Crônicas 31:10).

Este sinal, acrescentado aos já executados (versículo 2, também veja capítulos 2:23; 3:2), fez com que todos

começassem a dizer que Ele era o Profeta que devia entrar no mundo: havia uma expectativa popular sobre o profeta mencionado por Moisés (Deuteronômio 18:15) e que ele seria o Messias (capítulos 1:21; 11:27). Também começavam a acreditar que Jesus era o Messias político esperado pelos fariseus. Embora os fariseus menosprezassem o povo por não saberem as minúcias da lei, parecia agora que conheciam mais sobre Aquele que é a finalidade da lei do que os próprios fariseus.

R. David Jones

O OBSCURO MUNDO DOS PRESSÁGIOS (7)

"Tá difícil"! O inverso passou a ser o verdadeiro. Há muitos que já estão preferindo ser identificados como "protestantes", a pecha lançada pelos católicos de outrora, do que ser chamados de crentes ou evangélicos. Essa identificação passou a ser motivo de chiste. Para o cristão autêntico isso é insuportável, mas a realidade é que líderes religiosos negligentes estão a dar motivos para esse escárnio.

Recentemente recebi um videoclipe filmado em uma grande denominação "evangélica" que entrevistava uma falsa testemunha que asseverava que após esfregar a "toalhinha sagrada" vendida naquela igreja na fechadura da porta do banco em que tinha uma dívida, no dia seguinte o gerente lhe informou que não existia nenhum débito em seu nome. Se verdadeiro fosse, no mínimo teria despertado a curiosidade daquele gerente diante do inusitado ocorrido.

Sem dívida estão a praticar feitiço no chamado meio evangélico. É magia de religiosidade enganosa que nada tem a ver com Deus. As pessoas adquirem aqueles pedaços de panos como se talismãs ou amuletos fossem, acreditam-

do que neles contêm fluidos sagrados, na verdade sacrílegos, que resolverão todos os seus problemas pessoais, ao velho estilo das antigas benzedeiras que ainda existem pelo mundo afora. Portanto, isto não é nenhuma novidade, apenas os mesmos sortilégios de antigamente com uma nova roupagem. Revoltante é ouvir o interlocutor insistir na pergunta de quem teria sumido com aquela dívida e o subornado diz com todas as letras: "Foi o Senhor Jesus Cristo". Quanta fé dirão alguns, mas não é nada disso, pois é mera aparência para enganar os mais descuidados. A insistência na pergunta de quem teria feito aquilo é por orientação de advogados inescrupulosos para que fique claro que o engodo não foi efetuado pelos líderes daquela instituição religiosa, mas por Deus, tendo em vista as inúmeras demandas judiciais por parte de pessoas que se sentiram lesadas por esses falsos apóstolos.

A indignidade chega ao extremo na medida em que esses enganadores iludem os incautos justificando que esses trapos do engano fazem milagres

assim como ocorria nos inícios do Evangelho, que bastava às pessoas tocarem as vestimentas do Senhor Jesus para serem curadas (Lucas 8:43-48), ou se colocarem à sombra do apóstolo Pedro (Atos 5:12-16), ou então levarem aos enfermos os lenços ou aventais usados pelo apóstolo Paulo (Atos 19:11-12) para receberem os milagres semelhantes feitos hoje através dessas toalhinhas.

É muita desfaçatez afirmar-se isso. Essa comparação é aleivosa, pois não mais existem apóstolos no sentido pleno da palavra e é inútil insistir que os milagres por eles praticados foram perpetuados. Aqueles que hoje usam o título de apóstolos não passam de pessoas arrogantes que estão atrás somente do ganho fácil, da popularidade e do poder. Avoco as considerações de William MacDonald acerca disso: "Hebreus 2:4 deixa claro que esses milagres constituíram o selo de Deus sobre o ministério dos apóstolos e uma vez concluído o Novo Testamento, em sua forma escrita, esses sinais tornaram-se desnecessários. No tocante às 'campanhas de curas' realizadas hoje, basta observar que todos os enfermos levados aos apóstolos eram curados. Não se pode dizer o mesmo daqueles que afirmam realizar curas miraculosas em nossos dias".

Tendo em vista a permanente crise espiritual do ser humano, desde os seus primórdios, nenhuma civilização deixou de consultar aqueles que pudessem solucionar os seus problemas materiais, principalmente os econômico-financeiros e físicos, que vão desde a saúde até aos desejos primitivos mais íntimos. Para essa demanda, nada melhor que simular uma rentável teoria de ampla prosperidade e saúde perfeita, bem ao estilo de algumas denominações evangélicas que estimulam a coisa

aparente deixando para trás o essencial. O sagrado está sendo rudemente banalizado, não há mais conhecimento, as pessoas estão a se contentar apenas com a informação.

Desde a antiguidade as Escrituras revelam essa triste realidade que, como vemos, chega aos nossos dias de forma avassaladora. Os antigos profetas não deixavam de pregar que não havia neste mundo a verdade, até mesmo entre aqueles que diziam ser o povo de Deus, pois estavam sendo destruídos por absoluta falta de conhecimento (Oseias 4:1 e 6). Assim como foi no passado o mesmo está a acontecer com a cristandade dos nossos dias porque a grande parte dos seus líderes "espirituais" rejeita o conhecimento de Deus, pela prática da heresia do antigo hedonismo, cuja doutrina básica é que o bem supremo da vida humana está no prazer imediato, ou seja, a teoria do aqui e agora.

Há quem afirme com muita propriedade que o atual cristianismo está sobremodo enfermo, pois as mentiras têm prosperado em seu meio e o Evangelho está sendo confundido com o bem-estar e o sucesso material. Há uma enorme distância entre aquilo que está divinamente revelado com o que se pratica e isto sem dúvida levará à extinção daquilo que seria a Igreja de Deus. Entretanto, sempre haverá um remanescente fiel que não permitirá que a Verdade de Deus seja substituída pela mentira (Apocalipse 2:7; 2:11; 2:17; 2:26; 3:5; 3:12; 3:21).

Não há dúvida, as chamadas igrejas cristãs estão decadentes. Dados vindos dos Estados Unidos dão conta de que o índice de frequência às reuniões das igrejas dos americanos abaixo dos 25 anos caiu assustadoramente para menos de 10%. Isto equivale dizer que a tendência é que as próximas gerações

deixarão de frequentar as igrejas e isso afetará fortemente a coleta de recursos para sustentá-las.

A verdade é que as igrejas cristãs estão a envelhecer e isso é facilmente constatado no Velho Continente, onde muitas delas estão a encerrar as suas atividades por absoluta falta de audiência. Por conta disso, a islamição da Europa é uma realidade incontestável. Sem dúvida, na atualidade, o maior movimento missionário por aquelas bandas está sendo promovido pelos muçulmanos, e a cristandade institucionalizada parece estar a fazer ouvidos de moucos diante dessa notória constatação.

Procuram-se soluções humanas para evitar essa queda e para isso promovem-se megaespetáculos, desenfreado curandeirismo, conclaves de toda sorte, praticam o profano no lugar do sagrado, dentre muitas outras coisas. Não são poucos os testemunhos que se ouvem de que as pessoas estão se convertendo a Deus porque se agradaram da "dança" ou do "louvor" praticado por esta ou por aquela igreja; do clima de entretenimento existente com muita atividade fora dos lugares de reuniões, dos serviços sociais praticados, dos cultos comoventes e de certos "encontros secretos" de prática doutrinária pra lá de duvidosa. Estão a confundir "conversão" com manifestações emocionais em detrimento do espiritual.

Você, meu caro leitor, a esta altura deve estar a se perguntar: "O que este assunto tem a ver com esta série de crônicas que trata sobre presságios?" Deixe-me explicar.

Vivemos dias de intensas expectativas, pois os fatos do dia a dia se tornaram corriqueiros. Há um sentimento de que nada há de novo debaixo do céu, a não ser o avanço tecnológico que traz muita informação e divertimento. A

atividade lúdica passou a ser o objeto a ser perseguido, mas o ser humano continua espiritualmente carente e isso o tem levado, ainda que de forma velada, a uma crescente crise existencial. A demanda por drogas, legais ou ilegais, tem aumentado nas mais variadas faixas sociais, mas essas coisas jamais trarão consolo para o alívio da angústia da humanidade que cada vez mais está a rejeitar a existência de Deus por causa das bandalheiras generalizadas que estão a praticar em Seu nome.

Por isso os presságios se exacerbam porque o futuro continua incerto para a imensa maioria das pessoas. A morte permanece insolúvel e ninguém em sã consciência deseja que ela venha. Como já disse anteriormente, Deus colocou no coração do ser humano a existência da eternidade e sem Ele as pessoas não têm o menor discernimento acerca disso. Daí vem a sofreguidão existencial, pois as pessoas não sabem quando acontecerá essa visita indesejável.

Essa incerteza alcança mesmo aqueles que se julgam sábios aos seus próprios olhos. Há poucos dias li uma entrevista com um renomado físico americano da atualidade (Leonard Mlodinow) que veio participar na Bialen do Livro realizada aqui no Rio de Janeiro neste ano (2011), e afirmou que "o acaso está presente em todos os aspectos da vida e é preciso saber lidar com ele, pois a aleatoriedade, não Deus, é que define o futuro". Como diria Fernando Pessoa, poeta português, "tudo vale a pena quando a alma não é pequena".

Quando perguntado se ele se definiria como um ateu, ele respondeu que se achava um agnóstico, apesar de confessar que não tinha uma ideia clara da diferença entre um e outro. A sua justificativa é que ele não tinha certeza da existência de Deus porque não havia prova científica da Sua existência. Essa sua afirmação me reme-